

59% das crianças paulistas têm anemia, diz estudo

Pesquisa foi feita junto a 2.992 crianças com idade entre 6 meses e 2 anos que recebem atendimento em 160 postos de saúde

STELLA GALVÃO

Um estudo realizado com 2.992 crianças paulistas com idade entre 6 meses e 2 anos comprovou que 59,1% sofrem de anemia ferropriva. Os exames de sangue que detectaram a falha nutricional foram realizados na população infantil atendida em 160 unidades básicas de saúde (postos de saúde) do Estado em 1991 e 1992.

Com base nesse dado, a Sociedade Brasileira de Pediatria vai propor a adoção em escala nacional do leite integral fortificado com ferro e vitaminas A, C e D. A medida foi adotada pela Secretaria Estadual de Saúde na Grande São Paulo em janeiro do ano passado justamente em função dos resultados preliminares do estudo. O programa enfrenta problemas, porém, por não contar com recursos bem definidos.

"A OMS obriga à intervenção populacional quando a prevalência de anemia situar-se acima de 30%", disse a coordenadora do Grupo de

Atenção à Nutrição da secretaria, Suzana de Souza Queiroz, que conduziu a pesquisa para detectar os índices de anemia.

Sem ferro — É considerada anêmica a criança que apresentar nível de hemoglobina no sangue inferior a 11 gramas por decilitro — a hemoglobina é uma proteína que compõe o glóbulo vermelho com a função de transportar oxigênio para todos os tecidos. Sem o ferro, esse transporte ocorre de forma deficiente e pode causar sérias sequelas. Em adultos, o nível normal varia de 12 g/dl (mulheres) a 14 g/dl (homens).

O problema é maior justamente na fase dos 6 aos 24 meses, quando há crescimento em grande velocidade e alimentação por vezes baseada apenas no leite artificial, sem introdução de outros alimentos. Pelo menos até os seis meses, os pediatras recomendam o leite materno, cuja absorção de ferro é muito adequada, ao contrário do leite de vaca. "Se a

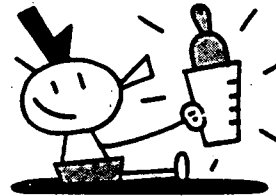
criança que tem peso normal é amamentada ao peito, ela vai utilizar as reservas desse mineral estocadas no período intra-uterino", explicou o pediatra Marco Antônio Torres, encarregado do trabalho de campo.

Em creches do governo, observou-se a formação de um ciclo vicioso. A anemia torna os bebês apáticos que, assim, não solicitam atenção e alimento e são momentaneamente esquecidos pelas pagens. O ciclo se completaria com uma possível desnutrição causada por simples falta de alimento.

A formação do sistema nervoso central também é comprometida. "A baixa oxigenação dos tecidos compromete processos importantes como a definição das conexões neuronais", explicou Suzana Queiroz. Ela cita estudo do médico chileno Thomas Walter com crianças anêmicas, que observou uma queda de cinco pontos no índice de inteligência, quando comparadas a um grupo sem episódios anêmicos.

Previna a anemia

Como evitar a escassez de ferro desde a infância



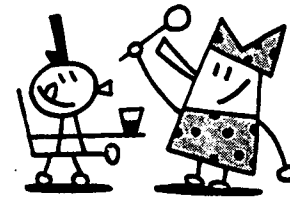
- Dar leite materno para a criança até os seis meses de idade, no mínimo. Evitar dar chá (preto, mate), que prejudica a absorção do ferro
- Em crianças alimentadas com leite artificial, fortificá-lo com ferro e vitamina C, sempre com controle médico

- Após o desmame, oferecer alimentos ricos em ferro, como fígado, rins, coração, carne magra, língua, ovos, ostras, mariscos, leguminosas (soja, feijão) e verduras de cor escura (folhas de beterraba, da mandioca, couve, brócoli, agrião etc)

- O ferro é melhor absorvido se a refeição incluir uma fruta cítrica, fonte de vitamina C. A dobradinha feijoadá-laranja é imbatível

- Panela de ferro libera partículas do mineral, mas em quantidade mínima e de difícil absorção pelo organismo

Fonte: Grupo de Atenção à Nutrição



Gestantes também são pesquisadas

As gestantes também são alvo provável do programa de suplementação alimentar. A iniciativa, em teste em Centros de Saúde nas cidades de Caçapava, Marília e Ibiúna, tem por objetivo anular situações em que há risco de desnutrição e prematuridade nos bebês. Em Caçapava, em 253 gestantes comprovou-se que 17,2% eram anêmicas e 32,4% corriam risco potencial. "Os dados ainda são preliminares, mas indicam uma melhora substancial no estado geral das mulheres", diz a nutricionista Kazue Sato, do Grupo de Atenção à Nutrição.